

A woman with dark, curly hair is lying down, her head tilted back and eyes closed. Her arms are raised above her head, holding a bouquet of white flowers. She is wearing a dark, possibly black, top. The background is a textured, light-colored wall. The lighting is soft and natural, creating a serene and intimate atmosphere. The overall composition is centered and balanced.

PORTFÓLIO

Lidia dos Anjos

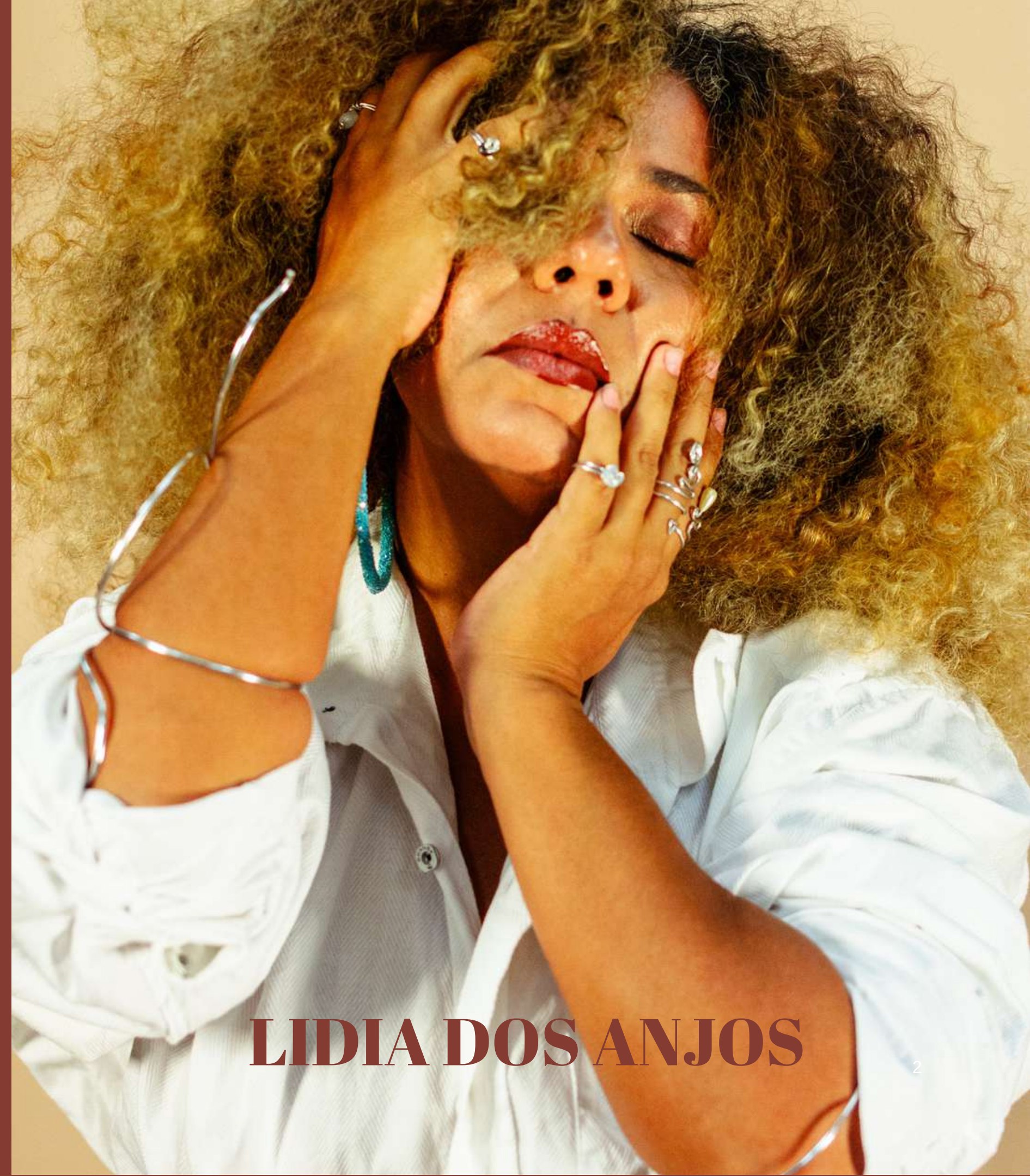
FRAME FILME CURIMBA

Formada em Teatro e mestranda pelo PPGARTES, ambos pela Universidade Federal do Ceará, sou atriz-criadora, performer, poeta e arte-educadora. Minha atuação transita entre teatro, audiovisual, performance, escrita e produção cultural.

Minha prática artística se estrutura a partir de processos de criação que atravessam palavra, corpo e vestimenta, compreendendo cada camada como parte de uma mesma costura poética. Trabalho com poéticas negras e femininas, acionando memória, ancestralidade e território como motores de fabulação.

Meu processo, muitas vezes autobiográfico, envolve experimentação, dramaturgias do corpo, práticas corporais e a construção de imagens que articulam presença, voz e gesto. Desenvolvo obras que integram escrita, performance e visualidade, como nos projetos que investigo atualmente: “ATO – À MÃE DO MEU ÓRGÃO” e a exposição DOZAN, afirmando modos de existir que deslocam percepções e produzem escuta, cuidado e resistência.

Foto Sérgio Lima



LIDIA DOS ANJOS



**CARTAS PARA AS
MULHERES DA
MIINHA VIDA: DA
ESCRITA À LEITURA
PERFORMATICA**

Ato -
A mãe do meu òrgão

Foto Sérgio Lima



A Carta à Mãe do Meu Órgão

Esta obra é uma performance de uma carta endereçada à mãe do meu rim transplantado, uma narrativa que imagina a vida dessa mulher e daquela criança que poderia ter florescido, entrelaçando-a com a minha própria existência, marcada por esse gesto de continuidade. Em **À Mãe do Meu Órgão**, a voz se manifesta como ferida e cura: um espaço onde fabulação, memória e presença se entrelaçam.

Processos de Criação

A pesquisa revela experimentações de leitura-performática, práticas corporais e exercícios de fabulação que ativam afetos, escutas e imaginários de uma cena negra, feminina e periférica em constante construção. A dramaturgia surge da conexão entre corpo, memória e sobrevivência, investigando como a palavra pode reconstruir laços invisíveis e afirmar novas possibilidades de existir.

PRODUÇÃO | ASSISTENTE DE PRODUÇÃO



PRODUTORA EXECUTIVA DA EXPOSIÇÃO PRÁTICAS DE
NÃO CONFORMIDADES
EXPOSIÇÃO ABERTA NA CASA DE ANTONIO CONSELHEIRO
QUISERÁMOBIM - CE. 2026



PRODUTORA DA EXPOSIÇÃO
ANUNCIAÇÃO: VOU TE OLHAR NO
VAZIO IMENSO. A COLETIVA ESTÁ EM
CARTAZ NO MUSEU DE ARTE
CONTEMPORÂNEA. 2025



ASS. DE PRODUÇÃO 2º FESTIVAL
CEARÁ DA DIVERSIDADE 2025.



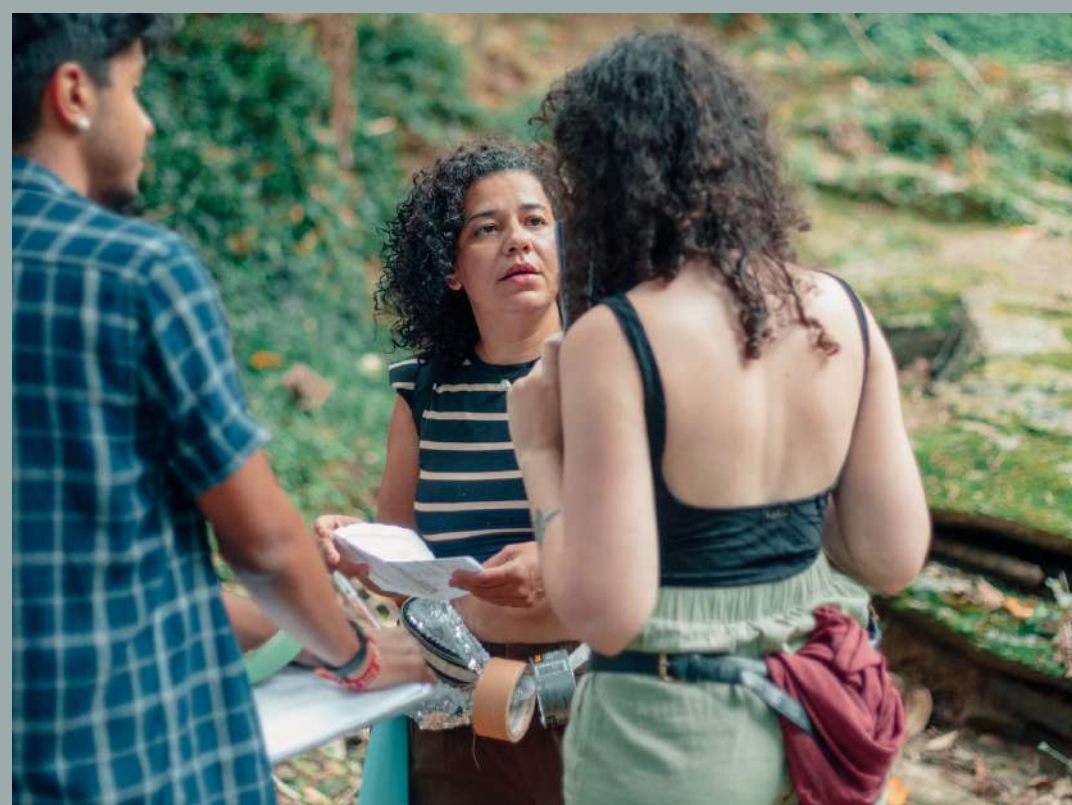
- PRODUTORA EXECUTIVA
– BANIDA PLATAFORMA,
2025.



ASS DE PRODUÇÃO: MOSTRA DE
PERFORMANCE URBANA . NO 7º
FESTIVAL DINTERNACIONAL
IMAGINÁRIOS URBANO. 2025.



PRODUÇÃO DE
SET::
CURTA-METRAGEM
LENA.



PRODUTORA DA MOPI
TEATRO – PORTO IRACEMA
DAS ARTES, 2025.

PRODUTORA DA COLETIVA
PRETARAU – DESDE 2019



ASSISTENTE PEDAGÓGICA E PRODUTORA –
CURSO BÁSICO DE ARTES CÊNICAS |
PORTO IRACEMA DAS ARTES. 2023.





Lidia dos Anjos

Foto: Pamela Soares

memorizei no tempo contínuo
"afeto em movimento"
afeto movimenta,
movimente seu afeto.



POESIA EM CARTAS

Ofó - Antologia Poética - PRETARAU

Ilustração de Capa: Amy Sousa



PRETARAU

ANTOLOGIA POÉTICA

LÍDIA DOS ANJOS

Lidia dos Anjos é atriz, costureira, figurinista, diretora, diretora de arte, pesquisadora, arte educadora e integrante da coletiva Pretarau e Princesinhas de Favela. É graduada pela Universidade Federal do Ceará em Teatro Licenciatura.

Esse corpo, mapa sem estradas, invadido, desvendado quando queria ser virgem, hoje está bem, por atravessamentos artísticos, eles não sabem que estou analisando nossas relações e querendo expor em um diário de afetação, nem sabem que me afetam, nem sabem que sinto afeto, nem sabem que sinto dor.

Espero que não saibam mesmo, pois se sabem torna-se muito pior, sim, é pior, eles sabem. Por saberem tenho o peito rasgado, mas é como se fosse o tecido que para ficar no tamanho certo eu rasgo. Minhas fontes se perdem nessas relações furtadas. Não me relaciono diferente para fazer esse diário, não há relação, e isso não é sobre como eles me tratam, é como eu sinto e registro. Por exemplo, eu quero performar para eles, não por eles, mas por mim, pro meu nome ficar, para que um dia seja dito que eu matei.

Isabel, por querer entrar e dizer que preparou tudo, que me deu apoio, que foi minha amiga, Isabel morrerá em minha performance pensada hoje, morrerá de tristeza porque descobrirá que ela não é boazinha, ficará morfina por saber que sabemos que ela só quer aparecer perante nossa dor, matarei ela de desgosto quando souber que não fiz sua cama, e não levei seu café da manhã, morrerá por saber que pouco me importo se ela comerá, morrerá por saber que eu não admiro sua bondade, morrerá por descobrir que não é o foco da minha jornada servi-la.

Por isso sim, é aqui tudo sobre mim, e se sobra espaço pra falar de vocês, será pra dizer que vocês não fazem parte disso. Que podem morrer de tristeza, pois vocês não me salvaram, eu me salvei.

Eu me salvei hoje, agora, nessa performance que se inicia, estou me salvando. Fazer vocês me verem é me salvar sabe? Tirem foto, digam ao mundo que sou artista, é sério, tirem foto.

Digam ao mundo que sou artista.



Participar do CineUrgente foi um momento de encontro e reencontro comigo mesma. Re-encontrei Érico Oliveira, pessoa querida que conheci no curso de Comunicação da UFC, sempre calado e escutando - dizem que escutar é uma das maiores qualidades. Fizemos juntos, eu e Érico, a escolha de 12 jovens para participarem de uma oficina de "Crítica e escrita de cinema urgente". Ao selecionar os jovens e conhecê-los(as), me reencontrei enquanto juventude da classe trabalhadora e popular que, também, buscava trilhar meus caminhos na comunicação. Foi assim que me identifiquei com cada momento desse processo. Tudo foi uma espécie de "nós no plural", como diria Paulo Freire.¹¹

SOBRE A SESSÃO:
Braisi, existimos todos (nós)
no mesmo universo, o nosso.
Por Lidia dos Anjos

-Catarina Oliveira (Oficineira da
equipe crítica do CineUrgente)

Dar nome é uma escolha que representa a magia de como será conhecido, chamado e representado diante da imensidão que será representada aos olhos e ouvidos no mundo. O "CineUrgente", por exemplo. Que nome é esse? "Banho de Chuva", nome do coletivo que articula esta ação, que tem a "Sessão BRASIS", outra escolha de nome que nos remete a pensamentos diversos sobre os porquês dessa escolha.

Fico pensando se era um dia/noite chuvoso e tomaram um banho de chuva e, no meio de uma conversa descontraída, de baixo duma biqueira, surgiu a ideia de construir uma coletividade com tal nome. Especulações surgem ao pensar em como se dar e quem constrói a Sessão BRASIS. Não sei... talvez, eu esteja inventando conversa fiada para tentar entender "que cine-clube é esse?" que eu e nós fazemos parte. Quando você me ler, eu, Lidia, quero que você me leia como o eu-você leitor. Sim, você, pois nessa imensa loucura de pensar o nós, os nomes, a escolha das palavras, encontrei bastante eu, mas não só o eu-Eu, e sim o eu-Nós, o eu-Você, e a interseção de Nós. Bem, quer dizer, não tenho certeza que encontrei toda a nossa matemática.

Confesso que nessas contagens do período das oficinas para pensar a escrita e crítica, pensando nossas urgências e assistindo aos filmes de Higor Gomes, Thamires Vieira, Rafael Luan e Lincoln Péricles, ensaiando para esse momento, o momento de deixar nossa escrita no mundo - no nosso mundo, para os nossos, para nós

eu acabei criando universos que nos amontoava com partilha de vivências. Não apenas de ser pessoas pretas e/ou pessoas periféricas, mas do que nos liga (que não é o racismo) a subsistências impostas a nós, sem meios de uma mudança que não seja destruindo o que nos é posto.

O que nos liga, a nossa matemática, como chamei mais acima, é a nossa interseção: a nossa ancestralidade, o banzo. Nossa "nomenclatura", isso mesmo, de números, somos contados de tantas formas que acredito que posso criar essa palavra para meus dizeres aqui, é uma sensação que transmite quando nos vemos e nos sentimos e nos cuidamos e nos reerguemos. Aqui que paramos para falar com e para os nossos, aqui nos enlaçamos, nos aquilombamos. A rachadura que vemos nesse sistema racista se solta, e juntados somos o mesmo, somos um povo. Aqui sinto que somos um e estamos em todo lugar.

Os subtextos apresentados nos silêncios, nas palavras não ditas e nas que são proferidas, representando mais do que a própria palavra e sua etimologia dicionarária, mas que está inserida em um contexto que cria laços entre a obra, o espectador e ancestralidade, faz com que tenhamos um diálogo acontecendo e que eles, se fazem necessário, para que estejamos agora aqui destruindo o que eles insistem em reconstruir diariamente há mais de 500 anos, não sabem, não entendem e se perdem na tentativa de tentar nos parar.

FILME DE DOMINGO De Lincoln Péricles Por Lidia dos Anjos

Olá Lincoln, ainda não nos conhecemos, mas eu já ouvi falar muito de você, por palavras de bocas benditas fiquei curiosa do que você apronta por aí, na "selva de Pedra", ouvi essa expressão hoje sobre aí, e lembrei de você. Eu já te escrevi, não sei ainda se você já leu, na outra carta você tinha me deixado com sangue nos olhos querendo botar fogo em tudo, ainda quero, para lhe falar a verdade, mas agora quero falar com você de sonhos, pois é, seu filme, Domingo, como o dia de hoje, me lembrou a menina que eu fui e meus sonhos. Lembrei o caldo de cana que eu via quando aos domingos ia com minha mãe fazer cobranças no Canindezinho, um bairro daqui de Fortaleza, pertinho do meu, inclusive digo que moro no Canindezinho porque as pessoas não sabem da Existência do Parque Jerusalém, mas temos até ônibus com o nome daqui. Estou aqui me apresentando porque sinto que te conheço um pouco e como estou te escrevendo quero que saiba um pouquinho quem sou e talvez porque te escrevo assim, abobada por sua arte. Domingo me deixou curiosa de você, de como você pensou um filme tão belo, cheio de vida, recheado de poesia e homenagem.

Domingo é realmente a demonstração do dia de feira, ainda estou pensando no pastel, a pequena Duda saboreando seu pastel foi lindo e deu água na boca, mas a

manga não tem como, é uma realização comer, - ficar todo melequento e cheio de fios nos dentes, hum.

Brinco aqui um pouco para que eu mesma possa engolir o que traz seu filme, que diante de tanta poeira que jogam, tentando acinzentar a arte que é realizada na periferia, você cobre a luz do poste e deixa a cena reinar. Um médico indígena, bonito, bem vestido, consciente, que se ama e ama sua família, cuidadoso para manter a história dos seus viva, uma mulher indígena, bem cuidada, artista, bonita, que se ama, se cuida e é realizada, uma criança que brinca, é ouvida, sonha., realiza, tem um sul no seu horizonte. Uau! Não é comum encontrar filmes que coloquem esses personagens em uma tela de cinema, tanto história, comentário, estando em foco. Mas aqui em seu Domingo essa é a única possibilidade, pois você junto aos seus já sabem e realizam um cinema em que o foco é a vida e a potencia de ser quem somos.

"Cinema é compromisso", assisti um vídeo você falando isso, quando falava sobre Domingo, é impossível não perceber que você pratica o que acredita assistindo à seus filmes. "Alegria virou lição, deixa eu ir a luta." Vou levar essa frase comigo, assim como os diálogos sobre ancestralidade e a beleza do descanso, da soneca abraçada, do bom humor ao ser acordado por uma criança como o Tio personagem de Adriano Araujo faz lindamente., brincar de se cuidar como a Mãe, representada por Francineide Bandeira Isaú e Maria Eduarda Isaú.

Já pensou tio? Outras crianças entendendo o poder de contar a história de onde vive, aprender a história do seu povo? A Duda é a demonstração das possibilidades de criar uma criança forte, que se reconhece e sabe a força a sua palavra. Essa é a família que queremos assistir, que nos reconhecer e podemos nos espelhar.

"É necessário creditar que o sonho é possível" Racionais MC's diz na música o que você traz em seu filme, não que seja fácil, mas que as possibilidades de forjar os caminhos já foram traçadas pelos nossos antepassados e a gente tem que seguir buscando, e não deixar de voltar e se abraçar sempre pra se fortalecer, um dia em família, lem-

brando o que importa, para não ficar cheio de não me toques, pois a gente gosta de se tocar.

Obrigada Lincoln, à você e a sua galera, vocês entram em no set pra vencer e como nada pelos seus filmes é em vão vamos ficar por aqui com mais um pensamento trazido em vestes e versos: Do Banzo a Orun, Abraços de Lidia dos Anjos.Para Lincoln e sua quebrada. Até a próxima, e continue fazendo sonhos se tornarem realidade.



Pandemia, o mundo parou. E agora, o que fazer? Esse foi um dos pensamentos mais comuns entre as pessoas: o medo, o ócio, a angústia. Aí vem o online, e as suas possibilidades, mas o online também estava, está saturando. O maior número de infectados e mortos pela Covid-19 são de pessoas negras e das periferias, o vírus não fez essa escolha, mas o sistema sim! A falta de estrutura para as vítimas do capitalismo, nesse contexto, foi e é mortal em muitos casos.

Não exatamente pela falta de atendimento médico, mas pela falta de possibilidade de evlutar a contaminação, já que pessoas que pertencem a essa condição social não tem como ter uma boa alimentação, comprar máscaras, usar álcool em gel...

Muitas nem água têm para o banho! A realidade é que a Covid-19 e suas variantes que não fazem escolha, porém, têm mais chances de sucesso com o abandono que uma parte da população, um povo, o nosso, nós, que vivemos à espreita da sorte.

Higor Gomes, ao assistir seu filme, foi impossível não pensar no contexto que ele foi gravado - talvez seja a razão, inclusive, de ter

de ter construído este filme tão pertinente ao momento em que vivemos. Lia, personagem de Maria Edna de Paula Gomes, forrando a vastidão de seus dias se prepara para o novo, faz o que devemos fazer mesmo que não estejamos em tempo pandêmico, pois para nós não existe outra fórmula a não ser permanecer nos preparando para as adversidades que somos acometidos.

Lia é como uma guerreira, que se prepara para o que não sabe, mas que sabe que sempre chega o momento de guerrear. É como a personagem principal de Octavia Butler em "Obsessão Positiva", que o nome agora me falha a memória, a Covid-19 me deixou meio sem cabelos e com lembranças falhas, mas viva e podendo aprender a preencher minha vastidão.

Acredito que precisamos pegar uma bacia e contar os dedos, pra saber como o próximo ano vai ser. Crer nas nossas credências é também uma lição, conversar, se reunir à mesa para uma refeição em família, comer, respirar, comemorar a vida. Aparentemente, Lia não sai em nenhum momento de casa, mas cria um universo de possibilidades dentro de seu castelo. Um silêncio cortante, preenchido pelos toques, alisados, respiração.

Um filme sensível, leve, acolhedor, em meio a tanta violência. A riqueza de mostrar a pele, o brilho, o olhar, o tocar. "Forrando a Vastidão" tem a força de uma mulher, de uma mãe, de uma artista em meio a pandemia, se perguntando "E agora?" e Lia respondendo, com seu cotidiano, e nós recebemos e vamos pegar nossas espadas, aprender a dançar e cortar o espaço e o tempo.



RUIM É TER QUE TRABALHAR De Lincoln Péricles Por Lidia dos Anjos

Lincoln, o capitalismo nos diz que trabalhar é bom, e você vem aqui e coloca o nome do seu filme de "ruim é ter que trabalhar"? Que audácia! Obrigada, obrigada pelo título. Quem quer acordar às 4h da madrugada, ainda escuro, pegar ônibus lotados, ou ir de bicicleta em vias que não são pensadas para trabalhadores ciclistas é chegar em um emprego que come mal, paga mal, ocupa o dia inteiro e nos faz não ter qualidade de vida alguma, e no fim nos mata de tanto trabalhar? Pensando em sua fantástica forma de denúncia, seu filme, percebo que não estamos falando sobre o gostar ou não de trabalhar, mas sobre o ter que trabalhar, quando não temos essa escolha, apenas a necessidade, não dá para pensar no que gosta de fazer, não existe essa oportunidade, faço tal afirmação pensando no que possivelmente gostamos de fazer, nós aqui que construímos o Cineclube Urgente e uma pá de gente que partilham a vivência de diversas mesmas fissuras, alheio ao que muitas vezes precisamos fazer para manter vivo esse nosso corpo violentado diariamente pelo desenfreado capitalismo que diz coisas como "o trabalho engrandece o homem" frases que se tornaram ditados populares que nos enquadraram em uma qualidade de vida que padrão nenhum quer, mas oferece a seus funcionários. E você tem um outro filme com esse título, não é? Péricles, você é perigoso, seu conhecimento, rapaz, faz eles tremerem, por nós, por favor, continue tocando terror.

Que potência, no Brasil, onde o sonho de grande parte da molecada da periferia é ser jogador de futebol, você traz um filme real, sobre a sonhada copa do mundo, que nos coloca no centro de tudo, na mão de obra, barata. Um evento mundial, bilionário, mas que não vai mudar em nada a vida da população pobre desse país (realmente para nós nada mudou, na verdade piorou) governado por quem nunca pensou em mudar de fato as estruturas que nos oprimem, na verdade

só buscam mais e mais formas de nos fazer dependentes desse sistema explorador, formas de nos fazer dependentes desse sistema explorador.

Eu tenho que me ater mais ao seu filme aqui, seus planos, cores e os eteceteras cinematográficos, mas como é possível se você me faz fugir do óbvio e pensar na nossa existência? Bom, mas posso dizer sobre os áudios off enquanto tinham imagens de objetos, equipamentos de trabalhos, fios, demonstração de precarização dos espaços de trabalho, placas de "... Proibido acesso ao campo". E você ainda vem com um cara negro dormindo no banco de um ônibus, sentado, descansando, fumando um cigarro, olhando o tempo, pensando? Cara, você quer que eu pense o que com o seu filme? Que você não é qualquer cineasta que ganha equipamentos e um carro dos pais aos 18 anos para fazer filmes de apartamento quando entra na federal e na primeira aula vai com sua blusa passo porque sei! (podia ser passo porque meu pai é burguês)? Sim, você não é, mais uma obviedade aqui. Você é o cara, que faz filme de verdade, que coloca a gente no centro, faz a gente tá no teu filme, eu aqui, na periferia do bairro Parque Jerusalém do Grande Bom Jardim, em Fortaleza - CE, me sinto parte das suas obras filmicas aí. Lincoln Péricles, sinto que ainda poderia passar um tempo aqui transcrevendo a nossa conversa em meus pensamentos, mas estou agora com a lembrança que você vai ler e sabemos que não temos tanto tempo para bater papo assim, então vamos deixar mais para um próximo encontro nosso, nem que seja assim novamente, cada um no seu canto e levando um aos outros por onde dominar a nossa arte. Fé no sonho que você tá fazendo se tornar real. Abraço!



Textos crítico opara a Sessão Braisi da Cine Urgente, Ação do Coletivo Banho de Chuva de Mranguape - CE.



FIGURINISTA E MAQUIADORA | CINEMA | TEATRO

FOTO ACERVO PESSOAL



DOZAN
2025
FIGURINO VI MOSTRA
PROIBIDA
SUBLIMAÇÃO SOBRE
TECIDO

Em Exposição no Lugar Incomum
Rua Nunes Valente, 2115, CE



FIGURINO AÇÃO
"BIXA CURA",
FORTALEZA/CE,
2024

FIGURINO AÇÃO
"PESSOAS NÃO-
BINÁRIAS EXISTEM",
FORTALEZA/CE, 2024



FIGURINO AÇÃO "NÃO
SE MEÇA SE NÃO FOR
CONFORTÁVEL",
FORTALEZA/CE, 2024

FIGURINO AÇÃO
"DERIVA 2",
FORTALEZA/CE, 2025





PRODUÇÃO E FIGURINO EM "AVE EVA".
FOTOGRAFIAS DE MATEUS FALCÃO E BÁRBARA
BANIDA, PERFORMANCE DE JOCASTA,
FORTALEZA/CE, 2024



FIGURINO OBRA
"BIWOMAN",
FORTALEZA/CE,
ACERVO DO MIS-CE
POR MEIO DO OCUPA
MIS, 2025



ESPETÁCULOS
ESQUETES
PERFORMANCE

SENHORITA JULIA

Foto Dário Ferreira¹⁶



Foto Pamela Soares

ESPETÁCULO DOMINGO - ADAPTAÇÃO DE
FALE COMIGO DOCE COMO A CHUVA DE
TENNESSEE WILLAMNS

CURTA "PELE RAIZ"
TEXTO, ATUAÇÃO,
PRODUÇÃO,
FIGURINO. INEDITO



IMAGEM - FRAME DO FILME

ESPETACULO A PEQUENA SEREIA



FRAME
FILME ESPAVENTO - 2019





DIREÇÃO TEATRAL E AUDIOVISUAL



ESPETÁCULO "A VOZ DA MINHA PELE", TEXTO, DIREÇÃO, PRODUÇÃO, ORIENTAÇÃO DE FIGURINO, 2020

foto Romulo Santos



foto micaleMeneses

**ESPETÁCULO
MAR LUCIA DIREÇÃO,
ATUAÇÃO, FIGURINO, 2023**

**ESPETÁCULO
MAR LUCIA DIREÇÃO,
ATUAÇÃO, FIGURINO, 2020**

Foto Pamela Soares



**É QUANDO A
LAMA VIRA SAL",
EM 2019**



DIREÇÃO DE ARTE E ASSISTÊNCIA DE ARTE - CINEMA

WALLYSSON CAMPOS JOÃO PEDRO RABELO ILTON RODRIGUES TAYNÁ
WILLI SALES NICOLAS RAYNER LÍDIA DOS ANJOS NATHANIEL MAIA YUMMY RAFA SOUSA FERNANDO LOURENÇO
ERIC MAGDA DOMINIK ANGEL CÂNDIDO NETTO

UMA PRODUÇÃO VESIC PIS

SOMBRA

EXIBIÇÃO CURTAMETRAGEM SOMBRA 12 E 13 DE MARÇO
DISPONÍVEL NO CANAL VESIC PIS



Este projeto é apoiado pela Secretaria Estadual da Cultura, através do Fundo Estadual da Cultura, com recursos provenientes da Lei Federal n.º 14.017, de 29 de junho de 2020.

LEI
ALDIR
BLANC
GOVERNO DO
CEARÁ



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Cultura

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

20

PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL

CONTATOS

FORTALEZA/CE

liadosanjosartista@gmail.com

liadosanjoscenacine@gmail.com

Instagram: @dosanjoslidia

Links

[CERTIFICADOS E MATERIAIS PORTFÓLIO](#)

[CURRÍCULO LATTES](#)

[PRODUTORA PRINCESINHA DA FAVELA](#)

[INSTAGRAM PRETARAU](#)



8753-4614